

Remix Ensemble

Casa da Música

Coro

Casa da Música

Peter Rundel direcção musical
Pierre-Laurent Aimard piano
Worten Digitópia electrónica

20 Out 2020 · 19:30 Sala Suggia

20.º ANIVERSÁRIO REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA



casa da música

MECENAS MÚSICA CORAL

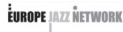
Allianz 



Vídeos sobre o 20º aniversário do Remix Ensemble Casa da Música.
[VIMEO.COM/SHOWCASE/7689090](https://vimeo.com/showcase/7689090)

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

MECENAS WORTEN DIGITÓPIA



Magnus Lindberg

Joy, para ensemble e electrónica (1990; c.28min)¹

Hugues Dufourt

L'origine du monde, para piano e ensemble (2004; c.15min)

PAUSA — Comentários por **Francesco Filidei**

Francesco Filidei

Requiem, para coro (16 vozes) e 17 instrumentos (2020; c.30min)²

1. *Requiem* —
2. *Kyrie*
3. *Dies irae*
4. *Agnus Dei*

¹ Estreia em Portugal.

² Estreia mundial; encomenda Casa da Música, Ensemble intercontemporain e Les Métaboles; textos originais e traduções nas páginas 7 a 9.

Magnus Lindberg

HELSÍNQUIA, 27 DE JUNHO DE 1958

Joy

para ensemble e electrónica

Lindberg é um compositor essencialmente orquestral, não só no sentido em que boa parte da sua música é escrita para grande orquestra, mas também porque mesmo obras para formações mais pequenas têm frequentemente uma abordagem orquestral. Até *Jeux d'Anches* (1990), para acordeão solo, revela essa sensibilidade. A música de Lindberg é sempre uma música de grandes gestos, de espaços vastos, de uma certa monumentalidade até. Esses aspectos são comuns às diferentes fases do seu percurso estilístico, da explosão dionisiaca de ruído industrial de *Kraft* (1984), ao sinfonismo mais sóbrio mas ainda claramente modernista de *Aura* (1994), ao calor épico quase neo-romântico de *Seht die Sonne* (2007) e às texturas mais consonantes e optimistas, mas sempre densas e abertas, de *Shadow of the Future* (2019), a sua obra mais recente para ensemble. Essa monumentalidade tem levado muitos autores a comparar Lindberg ao seu compatriota Jean Sibelius, um dos grandes sinfonistas do século XX. Alguns vêem até na música de ambos uma evocação das grandes paisagens naturais finlandesas.

O impacto orquestral de *Joy* é reforçado pelo facto de aos 22 instrumentos do ensemble se juntar ainda uma parte de electrónica, constituída por duas componentes: um sintetizador digital (Yamaha DX7), por um lado; e, por outro, um *sampler* — um equipamento que permite armazenar electronicamente sons (*samples*) numa memória digital e depois reproduzi-los em concerto. Particularmente interessante, neste contexto, é o material sonoro que integra

o tal *sampler*, pois resulta de uma fonte *sui generis*. Conforme explicado pelo compositor, “os sons foram gravados ao destruir um piano de cauda antigo: as cordas graves foram afinadas uma ou até duas oitavas abaixo, sons percussivos foram obtidos ao cortar ou rasgar as cordas, etc. Todos estes sons foram depois transferidos para o computador, onde foram transformados e tratados”. Esse tratamento electroacústico (através dos chamados filtros ressonantes) permitiu a Lindberg isolar certas frequências dentro dos sons gravados, de modo a atenuar o efeito de ruído e a produzir uma sonoridade mais harmónica, mais próxima das notas musicais — e, por aí, mais capaz de se integrar com as sonoridades convencionais dos instrumentos acústicos. Mas a originalidade da sonoridade permanece intacta, sendo especialmente perceptível em dois momentos, mais ou menos a meio da peça, em que os instrumentos acústicos se calam e ouvimos uma espécie de solo (ou *cadenza*) do *sampler*.

Lindberg trabalhou a parte electrónica nos estúdios do IRCAM, em Paris, com o auxílio de dois técnicos, Arnaud Petit e Juhani Liimatainen. Não era a primeira vez que o fazia: já quatro anos antes, em 1986, compusera, também por encomenda do IRCAM, uma outra obra para ensemble e electrónica, intitulada *UR*. Tais encomendas representavam a consagração de Lindberg no contexto da música contemporânea europeia, em particular num dos seus centros mais importantes — França. Nascido em Helsínquia em 1958, Lindberg vivia em Paris desde 1981, para onde se deslocara não só de modo a estar num desses centros, mas também para estudar com Vinko Globokar e Gérard Grisey, o mestre da música espectral (que muito o influenciou). A primeira encomenda para o IRCAM (o tal *UR*, de 1986) veio na sequência do enorme sucesso de *Kraft*, em

1985. A partir daí, a sua carreira estava lançada: logo em 1993, com apenas 35 anos de idade, era lançado pela editora do IRCAM um livro monográfico sobre a sua obra, escrito por Peter Szendy, numa honra habitualmente reservada a compositores mais velhos.

Voltando a *Joy* e ao seu *sampler*, um outro aspecto interessante é que ao utilizar sons de um piano — ainda que gravados em circunstâncias excepcionais e depois processados electronicamente — Lindberg consegue criar uma ligação entre a parte electrónica e a instrumental, já que dentro do ensemble há um piano e ele tem um papel importante. Vários momentos da peça soam até quase como um concerto para piano. É certo que esse carácter nunca se mantém por muito tempo — mal o piano aparece como solista, logo entram mais instrumentos e esse papel é interrompido. É curioso constatar, ainda assim, que a peça foi inicialmente pensada para 2 pianos, 2 percussões e electrónica, e mais tarde para piano e percussão solistas, acompanhados por ensemble e electrónica. Embora Lindberg tenha acabado por abandonar essa ideia do solista, ficaram resquícios dela no produto final.

A obra começa com um desses momentos em que piano e percussão têm especial protagonismo, neste caso acompanhados também pela harpa. Toda a primeira parte da obra apresenta bastantes mudanças de ambiente, do carácter efervescente do início a momentos mais calmos e líricos, um deles com papel destacado para a flauta. Mais à frente, a música começa a ficar mais agitada, com graves ameaçadores e uma camada rítmica constante. Depois dos dois solos do *sampler* já referidos, um duo furioso entre o clarinete e o piano abre caminho para uma parte ainda mais agitada, com um sentido rítmico quase minimalista. Dada a amplitude dramática

do percurso global e a variedade de ambientes apresentados, poderíamos dizer que, no seu todo, *Joy* parece condensar um verdadeiro discurso sinfónico num só andamento.

Hugues Dufourt

LYON, 28 DE SETEMBRO DE 1943

L'origine du monde

para piano e ensemble

Foi Hugues Dufourt quem cunhou o termo “musique spectrale”, num artigo-manifesto publicado em 1979 na revista *Conséquences*. Embora Dufourt seja filósofo de formação e tenha amplo trabalho publicado como musicólogo, ao criar o termo “música espectral” não o fazia como mero observador externo de uma realidade musical que começara a emergir em Paris uns 10 anos antes: pelo contrário, Dufourt era também um dos principais compositores desse movimento. É certo que entre esses compositores há dois que obtiveram particular fama e reconhecimento internacional: Gérard Grisey (1946-1998) e Tristan Murail (1947-). No entanto, o grupo inicial incluía também Roger Tessier (1939-), Michaël Lévinas (1949-) e Hugues Dufourt (1943-). Os cinco juntaram-se, em 1973, para criar o ensemble *L'itinéraire*, o qual, nas palavras de Lévinas, tinha por objetivo permitir-lhes “compor obras instrumentais ou mistas baseadas na exploração das propriedades acústicas dos sons”.

É precisamente por a música destes compositores se basear nas “propriedades acústicas dos sons” que Dufourt utilizou o termo “espectral”, um termo que se refere ao “espectro” de um som, ou seja, à sua estrutura de frequências. De facto, a generalidade dos sons é composta por uma combinação de múltiplos

componentes ou parciais, cada um com a sua frequência. Dependendo da quantidade desses parciais e da sua intensidade relativa ao longo do tempo, diferentes sons apresentam timbres (ou cores) distintas: por exemplo, o violino tem geralmente mais parciais do que a flauta, daí resultando uma cor própria que, ao ouvirmos, reconhecemos instintivamente, sem ter de fazer cálculos. Com o recurso a computadores, porém, é possível obter uma representação visual muito rigorosa do espectro de frequências de um qualquer som. Muitos destes compositores utilizaram justamente espectrogramas para obter material musical que serviu, depois, de base às suas peças: é o caso de *Partiels* (1975) de Gérard Grisey, obra baseada no timbre de uma nota grave de trombone, tal como revelado a partir do respectivo espectrograma. Esta ênfase na materialidade do som é, de resto, um dos aspectos centrais do movimento, opondo-se a outras abordagens mais abstractas e matematizadas como o serialismo. Na expressão categórica de Gérard Grisey, “nós somos músicos e o nosso modelo é o som e não a literatura, o som e não a matemática, o som e não o teatro, as artes visuais, a física quântica, a geologia, a astrologia ou a acupunctura”.

Composta em 2004, *L'origine du monde* não é, claro, dessa fase inicial do spectralismo, mas mantém-se fiel aos princípios fundamentais do movimento. A obra é, de algum modo, um concerto para piano e (pequena) orquestra, mas não num sentido tradicional — nem de exploração de virtuosismo do solista nem de oposição dramática entre solista e orquestra. Nas palavras de Dufourt, *L'origine du monde* baseia-se numa “integração peculiar do piano e dos sons instrumentais. A percussão é concebida como uma extensão da caixa ressonante do piano, dando ao instrumento uma aparência

quase elástica. O tratamento do ensemble instrumental parece-se frequentemente com um som sintetizado que é integrado na ressonância do piano como que numa esfera de potencialidades colorísticas”.

A ideia fundamental da peça é, portanto, a exploração de um fenómeno específico do domínio do timbre: a ressonância. No caso do piano, a ressonância refere-se à evolução complexa do som depois do ataque. Imagine-se um acorde tocado ao piano: primeiro ouvimos o ataque, bem definido, e depois o som vai decaindo gradualmente e passando, nesse processo, por cores muito variadas. A obra de Dufourt está cheia desses acordes e ressonâncias: os primeiros aparecem em completo solo, sem acompanhamento, mas logo a seguir o ensemble prolonga algumas notas da ressonância do piano, dando-lhes uma cor diferente. Mais à frente, surge o processo referido pelo compositor, em que múltiplos instrumentos de percussão vêm colorir, de múltiplas formas, a ressonância dos acordes do piano.

O título da obra — “a origem do mundo” — evoca também certas associações, em especial porque a obra começa de modo muito misterioso, sugerindo algo primevo, uma matéria ainda em formação. À medida que a textura musical se vai desenvolvendo e intensificando, é como se assistíssemos a essa formação do mundo. Mas o título é também uma referência ao célebre quadro do pintor realista Gustave Courbet (1819-77) em que vemos os órgãos genitais de uma mulher nua.

DANIEL MOREIRA, 2020

Francesco Filidei

PISA, 6 DE MAIO DE 1973

Natural de Pisa, Francesco Filidei é diplomado pelo Conservatório Luigi Cherubini em Florença e pelo Conservatoire National Supérieur de Musique et de Danse de Paris.

Como organista e compositor, foi convidado para participar em importantes festivais internacionais de música contemporânea. A sua música tem sido tocada por várias orquestras de classe mundial — tais como WDR, SWR, Sinfónica da Rádio de Viena, ORT, RAI, Filarmónica de Tóquio, Rádio da Baviera, La Verdi, Filarmónicas de Monte Carlo, Nice, Picardie, Helsínquia, Vilnius e Varsóvia, Sinfónica da Bretanha, Filarmónica do Luxemburgo, Orquestra do México — e pela maior parte dos ensembles especializados, em salas de concerto de Berlim, Colónia, Essen, Hamburgo, Paris, Tóquio, Viena, Munique, Zurique e Los Angeles.

Francesco Filidei é laureado com o Prémio de Música de Salzburgo (2006), o Prémio Takefu (2007), o Prémio Ernst von Siemens (2009), a Medalha Picasso-Miró da UNESCO pelo International Rostrum of Composers (2011), o Prémio Abbiati (2015), Les Grands Prix Internationaux du Disque da Académie Charles Cros (pelo álbum *Forse* em 2016) e a Comenda da Fundação Simone e Cino Del Duca atribuída pela Academia de Belas-Artes Francesa (2018).

Filidei beneficiou de uma bolsa da Akademie Schloss Solitude (2005); em 2006 e 2007 foi membro da Casa de Velázquez; em 2012 foi *Pensionnaire* na Villa Medici; recebeu uma bolsa da DAAD em Berlim. Tem sido compositor em residência de numerosos ensembles e festivais de música e tem ensinado composição em variadíssimas instituições pelo mundo.

Em 2016, foi nomeado *Chevalier des Arts et des Lettres* pelo Ministro Francês da Cultura.

Tornou-se consultor musical da Fondazione I Teatri di Reggio Emilia (Itália) em 2018 e Diretor Artístico do festival de música contemporânea Controtempo da Villa Medici em Roma.

A primeira ópera de Filidei, *Giordano Bruno*, foi estreada em 2015 na Casa da Música e tem sido apresentada em teatros de toda a Europa desde então. A sua ópera mais recente, *L'inondation*, com libreto de Joel Pommerat, foi composta para a temporada de 2019 da Opéra Comique de Paris.

Requiem

para coro (16 vozes) e 17 instrumentos

E eis-me aqui, terminada a partitura, ainda a escrever notas de programa, com a vista enfraquecida, as costas doridas e as perguntas usuais: o que fazer da vida e da percepção da fugacidade do tempo, o que fazer das recordações e do passado, o que fazer de todas estas perguntas persistentes que apenas podem encontrar resposta numa contínua busca vã e, sobretudo, que diabo escrever para encher meia página de programa de sala, ainda por cima, sobre um *Requiem*.

O risco da retórica fácil está aí ao virar da esquina e queria evitar parecer o último pássaro de mau agouro que se lança sobre a última crise disponível.

De qualquer forma, seja qual for o significado de compor um *Requiem* nos nossos dias, renunciei já a procurar compreendê-lo; o motivo que me levou a escrever um é um mistério que continuo a investigar.

É certo que desde os meus primeiros trabalhos coloquei no centro das minhas reflexões a investigação sobre o absurdo que nos acompanha: crescemos cheios de promessas e de belas esperanças para depois desaparecemos deixando um quase nada a alguns conhecidos,

e a inexistência de um gabinete de reclamações sobre as misérias da existência não ajuda a fazer disso um motivo.

Já estou a imaginar o que poderia restar de mim, algum comentário do género de um hipotético director artístico: “Ah sim, o Filidei... claro que me lembro dele, sempre a puxar o preço das encomendas, com aquelas notas de programa patéticas enviadas após o último telefonema ameaçador. Debatia-se sempre com os chamamentos dos pássaros com os quais empestava as partituras, não é de admirar se depois BUM!, confundiram-no com uma galinhola preta... acabou assim, de qualquer forma, agora já só reciclava e pronto, Requiesscat in pacem etc. etc. amen.”

Não, estou a brincar, não acabou, nem para mim nem para este texto desorganizado, eis-me ainda aqui, sempre massacrado por este pensamento do fim que trago comigo desde o início, a ponto de no meu catálogo serem abundantes as *Danças Macabras* e os *Triunfos da Morte*, os gestos acabados e os silêncios de morte, e ainda tive a infeliz ideia de escrever *Os funerais do anarquista Serantini*, de modo que nos ensaios leio sempre coisas do género: “Quinta-feira, 15 horas, *Filidei: Funerais*”.

Em suma, seria talvez chegado o momento de mudar de rumo e encontrar a felicidade dedicando-me à composição de polcas e mazurcas, ou engano-me? Como pôr um fim à obsessão pelo fim? Compondo uma missa de mortos?

Talvez não, mas entretanto no catálogo faltava um *Requiem*, e como gosto de coisas completas, acrescentei-o.

Aos que possam achar anómalo um não-crente escrever um *Requiem*, ainda por cima usando apenas o texto canónico, eu respondo que — se a essa questão não é alheio o meu nascimento como organista — é sobretudo na vontade de evocar a melancolia que podem

provocar as formas já murchas que se encontra a raiz desta escolha.

Se não creio em Deus, procuro crer na paixão pela nossa história e pela nossa memória e na vontade de conservar as emoções que arrastam consigo. Por isso, prefiro usar materiais já muito vividos, porque é mais fácil reconhecer-se neles e observar o seu percurso para poder contradizê-lo quando necessário a fim de o reencontrar ainda mais presente. De qualquer modo, partir do zero é uma utopia. Mais vale assumir o facto e depois, uma vez desenvolvida a obra até ao ponto certo, Zack! Dar-lhe um daqueles belos finais que Deus decidiu mandar-nos fazer. Disse Deus? Pois é, estou condenado a um apelido trocista. Com Deus serei obrigado, de qualquer forma, a fazer as contas, esperemos bem.

E aqui estou eu pela última vez, apenas mais umas linhas para cumprir a ingrata tarefa de usar palavras no lugar de notas... aliás eu gostaria de ver o que faria um escritor se lhe pedissem para explicar um seu romance em sons... Zang Tumb Tumb!

Divago... é melhor acabar, mas a propósito de escritores, um último pensamento: dado que a estreia desta obra será em Portugal, gostaria de a dedicar a Antonio Tabucchi: *Requiem* é o título de um dos seus livros mais importantes, ambientado numa Lisboa suspensa no tempo.

A última vez que falei com Tabucchi foi um encontro alucinado semelhante aos que ele descreve no seu romance. Estava muito melancólico sentado no bar do Aeroporto de Pisa, e tínhamos marcado um encontro em Paris onde também ele habitava. Nunca mais o veria. Este *Requiem* deve-lhe qualquer coisa, apesar do latim, apesar das rígidas formas que talvez ele não tivesse aprovado.

FRANCESCO FILIDEI, 2020

Tradução: Cristina Guimarães

Francesco Filidei

Requiem, para coro (16 vozes) e 17 instrumentos

1. Requiem

*Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.*

*Te decet hymnus, Deus, in Sion,
et tibi reddetur votum in Jerusalem.*

*Exaudi orationem meam,
ad te omnis caro veniet.*

*Requiem aeternam dona eis, Domine,
et lux perpetua luceat eis.*

Dá-lhes, Senhor, o eterno descanso,
que brilhe para eles a luz perpétua.
Tu és digno de hinos, ó Deus, em Sião,
a ti se rendam homenagens em Jerusalém.

Ouve a minha oração,
a ti volverá toda a carne.

Dá-lhes, Senhor, o eterno descanso,
que brilhe para eles a luz perpétua.

2. Kyrie

Kyrie eleison.

Christe eleison.

Kyrie eleison.

Senhor, tem piedade.

Cristo, tem piedade.

Senhor, tem piedade

3. Dies irae

*Dies irae, dies illa
solvat saeculum in favilla
teste David cum Sibylla*

*Quantus tremor est futurus,
quando iudex est venturus,
cuncta stricte discussurus.*

*Tuba mirum spargens sonum
per sepulcra regionum,
coquet omnes ante tronum.*

*Mors stupebit et natura
cum resurget creatura,
iudicanti responsura.*

*Liber scriptus proferetur,
in quo totum continetur,
unde mundus iudicetur.*

*Iudex ergo cum sedebit,
quidquid latet apparebit:
Nil inultum remanebit.*

*Quid sum miser tunc dicturus?
Quem patronum rogaturus,
cum vix iustus sit securus?*

*Rex tremendae majestatis,
qui salvandos salvas gratis,
salva me, fons pietatis.*

*Recordare, Jesu pie,
quod sum causa tuae viae,
ne me perdas illa die.*

*Quaerens me, sedisti lassus
redemisti Crucem passus
tantus labor non sit cassus.*

*Iuste iudex ultionis,
donum fac remissionis
ante diem rationis.*

Dia de ira, aquele dia
em que o mundo será reduzido a cinzas,
como o testemunham David e a Sibila.

Quanto temor então haverá,
quando o Juiz vier
e tudo julgar com rigor.

Uma trombeta fragorosa, ressoando
pelos sepulcros de toda a parte,
a todos empurrará para diante do trono.

Pasmará a morte e o universo
ao ver ressuscitar a criatura,
para responder diante do Juiz.

Aberto será o livro,
no qual está contido tudo
pelo qual o mundo será julgado.

Logo que o Juiz se sentar,
O que quer que esteja oculto, aparecerá:
Nada irá ficar impune.

Mísero que sou, que poderei eu, então, dizer?
A que patrono recorrerei,
se nem o justo estará seguro?

Rei de tremenda majestade,
Tu que salvas, pela (tua) graça,
salva-me também a mim, fonte de piedade.

Lembra-te, Jesus piedoso,
que fui causa de teus passos,
não me percas nesse dia.

Procurando-me, te cansaste,
morrendo na cruz me redimiste.
Não seja vão tanto sofrimento.

Juiz de justo castigo,
dá-me o dom da remissão
antes do dia do juízo.

*Ingemisco tamquam reus
culpa rubet vultus meus
supplicanti parce, Deus.*

*Qui Mariam absolvisti,
et latronem exaudisti
mihi quoque spem dedisti.*

*Preces meae non sunt dignae
Sed tu bonus fac benigne,
Ne perenni cremer igne.*

*Inter oves locum praesta
Et ab haedīs me sequestra
Statuens in parte dextra.*

*Confutatis maledictis
flammis acribus addictis
voca me cum benedictis.*

*Oro supplex et acclinis
cor contritum quasi cinis
gere curam mei finis.*

*Lacrimosa dies illa
qua resurget ex favilla
judicandus homo reus.*

*Huic ergo parce, Deus
pie Jesu Domine
dona eis requiem.*

4. Agnus Dei

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi:
donna eis pacem.*

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi:
donna eis pacem.*

*Agnus Dei,
qui tollis peccata mundi:
donna eis pacem sempiternam.*

Choro e gemo como um réu,
a culpa enrubesce meu semblante,
perdoa, ó Deus, ao que te implora.

Porque absolveste Maria,
e ao ladrão atendeste,
também a mim acabaste por dar esperança.

Minhas preces não são dignas,
mas tu, que és bom, abençoa-as,
para que me não devore o fogo.

Dá-me lugar entre as ovelhas
e afasta-me dos cabritos,
colocando-me à tua direita.

Condenados os malditos
e lançados às chamas ardentes,
chama-me com os eleitos.

Oro, súplice e prostrado,
o coração contrito, quase em cinzas:
compadece-te do meu fim.

Dia de lágrimas aquele
em que o homem ressurgirá do pó,
para ser julgado como réu.

A este poupa, ó Deus,
piedoso Senhor Jesus,
dá-lhes descanso.

Cordeiro de Deus
que tiras os pecados do mundo,
dá-lhes o repouso.

Cordeiro de Deus
que tiras os pecados do mundo,
dá-lhes o repouso.

Cordeiro de Deus
que tiras os pecados do mundo,
dá-lhes o repouso eterno.

Peter Rundel direcção musical

Peter Rundel é um dos maestros mais requisitados pelas principais orquestras europeias, graças à profundidade da sua abordagem a partituras complexas de todos os estilos e épocas, a par da sua criatividade interpretativa.

É regularmente convidado para dirigir a Orquestra da Rádio Bávara e as Sinfónicas das Rádios NDR, WDR e SWR. Colaborou recentemente com as Filarmónicas de Helsínquia, da Rádio França e do Luxemburgo, a Orquestra Nacional de Lille, a Orquestra do Maggio Musicale Fiorentino, a Orquestra do Teatro de Ópera de Roma e as Sinfónicas de Viena e da Rádio de Frankfurt. Na Ásia, dirigiu a Metropolitana de Tóquio e a Sinfónica de Taipé.

Inicia a temporada 2020/21 com o convite do Musikfest Berlin para dirigir o Ensemble Musikfabrik. Além dos compromissos com a Sinfónica da Rádio Bávara, a Sinfónica do Porto Casa da Música e a Basel Sinfonietta, celebra o 20.º aniversário do Remix Ensemble Casa da Música, formação que dirige há 15 anos. Juntos realizam um concerto na Elbphilharmonie, em Hamburgo. Na Primavera de 2021, estreia a nova peça de teatro musical de Isabel Mundry, *Im Dickicht*, no Festival Schwetzingen SWR.

Peter Rundel dirigiu estreias mundiais de produções de ópera na Ópera Alemã de Berlim, na Ópera Estatal da Baviera, no Festwochen de Viena, no Gran Teatre del Liceu, no Festival de Bregenz e no Schwetzingen SWR Festspiele, trabalhando com encenadores prestigiados como Peter Konwitschny, Philippe Arlaud, Peter Mussbach, Heiner Goebbels, Carlus Padrissa (La Fura dels Baus) e Willy Decker. O seu trabalho em ópera inclui o repertório tradicional e também produções de teatro musical contemporâneo inovador como *Donnerstag* do ciclo *Licht* de Stockhausen, *Massacre* de Wolfgang

Mitterer e as estreias mundiais das óperas *Nacht e Bluthaus* de Georg Friedrich Haas, *Ein Atemzug — die Odyssee* de Isabel Mundry e *Das Märchen e La Douce* de Emmanuel Nunes. A produção espectacular de *Prometheus*, que Rundel dirigiu na Ruhrtriennale, foi premiada com o Carl-Orff-Preis em 2013. Em 2016 e 2017, dirigiu *De Materie* de Heiner Goebbels no Armory Hall de Nova Iorque e no Teatro Argentino La Plata, uma produção que estreou na Ruhrtriennale em 2014. Com a estreia mundial de *Les Bienveillantes* de Hector Parras, encenada por Calixto Bieito, apresentou-se pela primeira vez na Ópera da Flandres, em 2019.

Natural de Friedrichshafen (Alemanha), Peter Rundel estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov, e direcção com Michael Gielen e Peter Eötvös. Foi violinista do Ensemble Modern, com o qual mantém uma relação próxima como maestro. Tem desenvolvido colaborações regulares com o Klangforum Wien, o Ensemble Musikfabrik, o Collegium Novum Zürich, o Ensemble intercontemporain e o AskolSchönberg Ensemble. Foi Director Artístico da Filarmónica Real da Flandres e o primeiro Director Artístico da Kammerakademie de Potsdam. Em 2005 foi nomeado maestro titular do Remix Ensemble Casa da Música.

Profundamente comprometido com o desenvolvimento e a promoção de jovens talentos musicais, fundou no Porto a Academia de Verão Remix Ensemble dedicada a jovens músicos e maestros. Além de orientar as suas próprias masterclasses de direcção na região da Baviera, é regularmente convidado para leccionar em cursos internacionais.

Peter Rundel recebeu numerosos prémios pelas suas gravações de música do século XX, incluindo o prestigiante Preis der Deutschen Schallplattenkritik, o Grand Prix du Disque, o ECHO Klassik e uma nomeação para o Grammy.

Pierre-Laurent Aimard piano

Descrito como “um extraordinário visionário” pelo Washington Post e um artista pioneiro conhecido pelas suas ideias reveladoras, Pierre-Laurent Aimard recebeu o prestigiado Prémio International de Música Ernst von Siemens, em 2017, em reconhecimento por uma vida inteira ao serviço da música.

Aclamado internacionalmente como uma figura-chave da música do nosso tempo, colaborou com muitos compositores marcantes, entre os quais Ligeti (tendo gravado a sua obra integral para piano), Stockhausen, George Benjamin e Pierre Boulez. Com apenas 19 anos foi nomeado por Boulez pianista solo do Ensemble intercontemporain. Considerado um dos melhores intérpretes de Messiaen do mundo, teve uma relação próxima com o compositor e com Yvonne Loriod, com quem estudou no Conservatório de Paris. Uma das suas gravações recentes foi o *Catalogue d'oiseaux* completo para a Pentatone, largamente elogiada e que lhe rendeu o Prémio da Crítica Discográfica Alemã, entre outros. Fez estreias mundiais de obras de Kurtág, no Teatro alla Scala; da última peça de Carter, *Epigrams*, dedicada ao próprio Aimard; e do Concerto para piano de Harrison Birtwistle, *Responses: Sweet disorder and the carefully careless* e estreou *Keyboard Engine* para dois pianos, também de Birtwistle, em 2019.

Em 2020, Aimard foca-se na interpretação de “Beethoven the Avant-gardist”, uma verdadeira *tour de force* cheia de descobertas pianísticas que transcendem as fronteiras tradicionais. Na sua visão do legado de Beethoven, desenvolvida a propósito do 250.º aniversário do compositor, justapõe os clássicos vienenses a composições vanguardistas, revelando referências cruzadas surpreendentes.

Em 2020/21, Aimard aparece como “Artist in Resonance” na abertura do Musikkolegium Winterthur. Celebrando inúmeros compositores diferentes durante a temporada, inaugura o ano com a integral dos concertos para piano de Beethoven, seguindo-se programas que incluem Bach, Mozart e Ligeti. Neste Outono, termina a residência na Casa da Música com obras de Messiaen e Dufourt. Em 2021 celebra a música de Kurtág no festival aan't IJ, que idealizou para o Muziekgebouw.

Para além do seu trabalho com orquestras internacionais e maestros prestigiados, apresenta-se em recital no Auditório Nacional de Madrid, na Philharmonie de Paris, na Alte Oper de Frankfurt e na Società del Quartetto di Milano. Juntamente com Mark Simpson e Jean-Guihen Queyras, apresenta obras de Beethoven e Lachenmann na Elbphilharmonie de Hamburgo e no Museu Reina Sofía de Madrid.

Curador inovador e intérprete único do repertório para piano de todas as épocas, Aimard tem sido convidado para várias residências como curador, director e instrumentista, em projectos no Carnegie Hall e no Lincoln Center de Nova Iorque, na Konzerthaus de Viena, na Alte Oper de Frankfurt, no Palais de Beaux Arts de Bruxelas, no Festival de Lucerna, no Mozarteum de Salzburgo, na Cité de la Musique em Paris, no Tanglewood Festival e no Festival de Edimburgo. Foi Director Artístico do Festival de Aldeburgh (2009-16).

Ensina na Hochschule de Colónia e em workshops e palestras pelo mundo, com perspectivas únicas da música de todos os períodos. Foi Professor Associado do Collège de France (Paris) e é membro da Academia Bávara das Belas-Artes. Relançou em 2020, juntamente com o Klavier-Festival Ruhr, a plataforma *online* “Explore the Score” sobre interpretação de música para piano de Ligeti.

Remix Ensemble Casa da Música

Peter Rundel maestro titular

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de noventa obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomarico, Brad Lubman, Peter Eötvös, Paul Hillier, Titus Engel, Baldur Brönnimann, Heinz Holliger, Olari Elts, Jörg Widman, Sian Edwards e Pedro Neves, entre outros. No plano internacional apresentou-se em Valência, Barcelona, Madrid, Ourense, Huddersfield, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Toulouse, Reims, Antuérpia, Bruxelas, Milão, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Colónia, Zurique, Hamburgo, Donaueschingen, Roterdão, Amesterdão e Luxemburgo, incluindo festivais como Wiener Festwochen e Wien Modern (Viena), Agora (IRCAM — Paris), Printemps des Arts (Monte Carlo), Musica Strasbourg e Donaueschinger Musiktage.

Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se encomendas a Wolfgang Rihm, Georg Friedrich Haas, Wolfgang Mitterer e Daniel Moreira, além de obras de Pascal Dusapin, Georges Aperghis, Peter Eötvös e Ângela da Ponte. Fez as estreias mundiais da ópera *Giordano Bruno* de Francesco Filidei (Porto, Estrasburgo, Reggio Emilia e Milão) e da nova produção da ópera *Quartett* de Luca Francesconi (Porto e Estrasburgo) com encenação de Nuno Carinhas. Apresentou um projecto cénico sobre *A Viagem de Inverno* de Schubert na reinterpretação de Hanz Zender, também com encenação de Nuno Carinhas. O projecto *Ring Saga*, com música

de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble a grandes palcos europeus. Nas últimas temporadas estreou em Portugal obras de Emmanuel Nunes, Harrison Birtwistle, James Dillon, Georg Friedrich Haas, Magnus Lindberg, Wolfgang Mitterer, Thomas Larcher, Peter Eötvös, Steve Reich, Wolfgang Rihm, Jörg Widmann, Rebecca Saunders e Johannes Schöllhorn.

A temporada de 2020 do Remix Ensemble celebra o seu 20.º aniversário com a estreia mundial de uma obra encomendada a Francesco Filidei e uma digressão à Elbphilharmonie de Hamburgo, além da nova banda sonora para um filme clássico do cinema português, composta por Igor C. Silva. A maior parte do repertório apresentado ao longo do ano no Porto trata-se de música nunca antes interpretada em Portugal, sublinhando o lugar de vanguarda deste ensemble. A residência de Pierre-Laurent Aimard na Casa da Música coloca o prestigiado pianista francês ao lado do Remix Ensemble a interpretar uma das obras mais emblemáticas de Olivier Messiaen, *Oiseaux Exotiques*, e ainda *L'origine du Monde* de Hugues Dufourt. A temporada conta também com música recente do compositor francês Philippe Manoury e um solista especializado na interpretação de nova música, o violinista Ashot Sarkissjan.

O Remix tem dezassete discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côrte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Mitterer, Karin Rehnqvist, Dusapin, Francesconi, Unsuik Chin, Schöllhorn e Aperghis. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Coro Casa da Música

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música contou até 2019 com Paul Hillier no cargo de maestro titular. Apresenta-se regularmente na Casa da Música e em digressão, e tem sido também dirigido pelos maestros Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Gregory Rose, James Wood, Douglas Boyd, Martin André, Baldur Brönnimann, Laurence Cummings, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Michael Sanderling, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky, Takuo Yuasa, Paul McCreesh e Stefan Blunier. Ao longo de 2020, intensifica as colaborações com os maestros convidados Stephen Layton e Nils Schweckendiek, que se estreiam à frente do agrupamento, e também Sofi Jeannin. Eclético no seu repertório, o Coro é constituído por uma formação regular de 18 cantores, a qual se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados.

Colaborou com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música na interpretação de obras como *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Te Deum* de Bruckner, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Missa em Si menor* de Bach, Sinfonias de Mahler, *Missa em Dó menor* e *Requiem* de Mozart, *O Cântico Eterno* de Janáček, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Messias* de Händel, *Te Deum* de Charpentier, *Oratória de Natal*, *Magnificat* e Cantatas de Bach, *História de Natal* de Schütz, *Requiem* de Verdi, *Missa para o Santíssimo Natal* de Alessandro Scarlatti, grandes obras corais-sinfónicas de Prokofieff e Chostakovitch, *Requiem* de Schnittke, *Vésperas* de Monteverdi, *Missa n.º 5* de Schubert, *Stabat Mater* de Dvořák e *Paulus* de Mendelssohn.

A música portuguesa tem sido um foco de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas como o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira. As criações dos séculos XX e XXI têm também um peso importante no seu repertório, com obras de Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina ou Cage, e as estreias nacionais de obras de G. F. Haas, James Dillon e Harrison Birtwistle.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e no Auditório Nacional de Madrid (Espanha), no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tense Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

Worten Digitópia electrónica

A Worten Digitópia engloba toda a produção digital da Casa da Música: gravação, edição e transmissão — áudio e vídeo —, apoio tecnológico, criação na área da música electrónica, programação e desenvolvimento, investigação e formação. É constituída por uma equipa jovem mas altamente especializada e multidisciplinar. Consequentemente, o seu âmbito de acção é bastante alargado, incluindo actividades e projectos como o desenvolvimento de software e hardware, a realização de oficinas educativas e formações especializadas, o trabalho com comunidades (por exemplo, com grupos com necessidades educativas especiais), o apoio aos agrupamentos residentes da Casa da Música, a produção científica e artística, a criação de conteúdos musicais e vídeo e a recolha e transmissão de concertos.

Sendo parte integrante da Fundação Casa da Música, tem como missão criar as pontes necessárias para que o público, as comunidades e os artistas possam ter acesso às realidades musicais que as novas tecnologias possibilitam. Acredita na difusão livre de conhecimento e no desenvolvimento de ferramentas com código aberto (*open source*) e tem uma visão integrada do conhecimento, desde a pesquisa à sala de concerto.

Remix Ensemble Casa da Música

Violino

Angel Gimeno
Emanuel Salvador

Viola

Trevor McTait
Alfonso Noriega

Violoncelo

Oliver Parr
Filipe Quaresma

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner
Mariana Portovedo

Oboé

Tiago Coimbra

Clarinete

Victor J. Pereira
Ricardo Alves
Samuel Marques

Fagote

Roberto Erculiani

Trompa

Nuno Vaz
Pedro Fernandes

Trompete

Aleš Klančar

Trombone

Ricardo Pereira

Tuba

Adélio Carneiro

Percussão

Mário Teixeira
Manuel Campos

Piano

Jonathan Ayerst
Vitor Pinho

Harpa

Carla Bos

Acordeão

José Valente

Coro Casa da Música

Sopranos

Ana Caseiro
Eva Braga Simões
Joana Pereira
Leonor Barbosa de Melo
Rita Venda

Contraltos

Brígida Silva
Joana Guimarães
Joana Valente
Maria João Gomes

Tenores

Bernardo Pinhal
Gonçalo Limpo Faria
Miguel Leitão
Vitor Sousa

Baixos

Tiago Matos
Nuno Mendes
Pedro Guedes Marques
Pedro Lopes
Ricardo Torres

Maestro correpetidor

Léo Warynski

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

